

ENTREVISTA PROF. DR. FABRICIO POSSEBON

Coordenador do curso de Graduação (licenciatura e bacharelado) em Ciências das Religiões da UFPB

Clarissa De Franco – equipe editorial *Último Andar*

Último Andar: Comente a respeito de sua trajetória acadêmica e profissional, destacando sua ligação com a área de estudos da religião.

Fabrcio Possebon: A minha formação acadêmica, que interessa aqui registrar, é o Bacharelado em Letras grego-português que fiz na Universidade de São Paulo. Na mesma universidade cursei o Mestrado em Letras Clássicas, defendendo uma dissertação sobre um texto do pseudo-Homero, conhecido como *Batracomiomaquia – a batalha dos ratos e das rãs*, sob a orientação do prof. Jaa Torrano. Tratou-se de um estudo e tradução do texto original grego. Como minha formação em clássicas incluía, além do grego, o latim, eu fiz o concurso público e fui aprovado para a Universidade Federal da Paraíba, na disciplina de Língua Latina, no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Aqui, como professor efetivo da instituição, decidi fazer o Doutorado em Letras, na área de Tradição e Modernidade, defendendo uma tese sobre a obra de José de Anchieta intitulada *De Gestis Mendi de Saa*. Neste estudo foi feita uma interpretação da obra e uma tradução do original latino, sob a orientação do prof. Milton Marques Jr. Todo este universo de letras clássicas é indissociável dos estudos de religião, aqui pensando não numa religião institucionalizada, mas em uma religiosidade ou sacralidade própria do pensamento antigo, que na maioria das vezes é mítico e mágico. Logo no primeiro ano de funcionamento do Mestrado em Ciências das Religiões, em 2007, eu fiz meu credenciamento no curso, e logo no início de 2009, quando fui iniciar o curso de Graduação, eu fiz minha transferência para o Departamento de Ciências das Religiões, então recém-criado, no Centro de Educação.

UA: Como se deu a estruturação da área de Ciências das Religiões na Universidade Federal da Paraíba desde a criação do programa de pós até a autorização do MEC para a graduação?

FP: O Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões, nível de Mestrado, foi instituído a partir da experiência de um curso de Especialização. Este foi solicitado pela Secretaria de Educação do Estado da Paraíba para capacitar os professores da rede, que ministravam a disciplina Ensino Religioso sem uma formação segura e acadêmica. Assim, da experiência bem sucedida da Especialização, houve a motivação de oferecer um grau mais avançado para cumprir o mesmo propósito de formação profissional qualificada. O Mestrado começou a funcionar em 2007, tendo duas turmas pioneiras. Desde 2008, há abertura anual de processo seletivo, tendo o Programa já formado aproximadamente cem mestres. A procura pela Especialização, que teve duas turmas, e pelo Mestrado sempre foram significativas (normalmente concorrem cerca de noventa candidatos para as vagas ofertadas no Mestrado), daí naturalmente a ideia de uma graduação, que ofereceria então a formação completa, era unânime. Faltavam todavia as condições materiais, porque um curso de pós-graduação, segundo o modelo em uso na UFPB, não requer a contratação de novos professores, mas sim a adesão ao Programa de professores já existentes, todavia um curso de graduação segue outro paradigma de necessidades: quadro de professores, instalações materiais de salas de aula, laboratórios, etc. O projeto REUNI do governo federal foi a oportunidade que esperávamos. A UFPB aderiu ao projeto, apresentando inúmeras propostas de cursos novos. Entre muitos, estavam lá a Licenciatura e o Bacharelado em Ciências das Religiões. O MEC deu aprovação ao projeto da UFPB como um todo. Pelos trâmites internos da universidade, primeiro conseguimos aprovar a Licenciatura, que formou a primeira turma em 2012.2, e depois o Bacharelado, que está no primeiro ano do curso. O encaminhamento de uma proposta como esta é o trabalho de muitos professores, mas não podem ser esquecidos o empenho e a motivação da profa. Neide Miele, que é a mentora da nossa graduação e da pós-graduação. Quero ainda destacar a profa. Eunice Simões Lins Gomes, pioneira na implantação do curso de graduação, sempre disponível e dedicada ao curso.

UA: O que representa este reconhecimento do MEC?

FP: O curso de Licenciatura em Ciências das Religiões da UFPB é o primeiro numa universidade federal. Há diversos cursos em instituições estaduais e municipais, e, depois do nosso, outras instituições federais também iniciaram suas propostas, que estão ainda em andamento. O reconhecimento do MEC significa uma abertura para todos, porque, aprovado o primeiro curso, os demais não terão dificuldade, uma vez cumpridas as exigências acadêmicas. O reconhecimento do MEC de fato significa que uma nova área de conhecimento passa a ser oficial: o Ensino Religioso. Como diz a Constituição Federal, o Ensino Religioso é obrigatório para a escola e facultativo para o aluno, deste modo, a escola somente oferece a disciplina se há alunos que a queiram. Não tendo uma formação oficial reconhecida, normalmente o diretor da escola tenta resolver a questão contratando um professor com formação muitas vezes inadequada, quando não realoca outro professor de uma disciplina qualquer para o Ensino Religioso. É a solução que lhe é possível ter. Como pode o Estado fazer um concurso público exigindo um profissional que não existe? Uma Licenciatura reconhecida em nível nacional significa uma mudança de paradigma. Agora é possível ter um profissional formado academicamente, habilitado para o ensino, pois foi licenciado para isto. Cumpre destacar que a área de Ciências das Religiões na UFPB está no Centro de Educação. O Centro acolheu a proposta, a implantou e lhe dá a sustentação necessária para o seu funcionamento.

UA: Quais as principais linhas de pesquisa de Ciências das Religiões da UFPB?

FP: No ano passado, houve uma reestruturação ampla das áreas e linhas de pesquisa do Programa de Pós-graduação. Ficou assim, com duas áreas. A primeira é: 1. Ciências Sociais das Religiões, Educação e Saúde. Nesta, temos três linhas de pesquisa: 1. Religião, cultura e sistemas simbólicos; 2. Educação e Religião; 3. Espiritualidade e Saúde. A segunda área é: 2. Perspectivas histórico-filosóficas e literárias das religiões, com duas linhas: 1. Abordagens filosóficas, históricas e fenomenológicas das religiões; 2. Literatura e Sagrado. Como pode ser observado, há especificidades em nossa proposta. Como acima disse, o Programa foi criado abrigando professores interessados na temática religião, mas advindos de formações acadêmicas diversas. Esta diversidade se traduz hoje pela variedade dos assuntos das linhas. Destaco a linha Educação e Religião, cujo vínculo é intenso com a Licenciatura. Destaco também uma área

pioneira, Espiritualidade e Saúde, que abriga professores interessados em pesquisas voltadas para o cuidado integral do ser humano, os processos de cura e as relações entre saúde e religiosidade, em sentido amplo. Mais recentemente Literatura e Sagrado atende a uma área de conhecimento que parece promissora, pois liga a religiosidade a toda uma expressão estética.

UA: Por que a opção por Ciências das Religiões, no plural, diferentemente de outros programas da área que preferem Ciência da Religião, Ciências da Religião, ou ainda Ciência das Religiões? Acredita que deveria haver uma unidade de nomenclatura?

FP: De fato, na própria pergunta está a resposta. A nossa opção pelo plural se deu justamente pela ênfase que temos pela pluralidade, pela multiplicidade, que é uma marca registrada da história de nosso curso. No primeiro momento do curso de Pós, reuniram-se professores advindos de diversos departamentos e cada qual, com sua experiência e motivação, participou do projeto imprimindo então este caráter multifacetado, que não queremos perder. Já com o curso de graduação, com a necessidade de concursos para suprir o quadro de pessoal, o foco se concentrou um tanto mais, pois começamos a exigir candidatos com doutorado na área. Hoje temos uma situação mista: parte do quadro não tem o doutorado na área, mas está fazendo o pós-doutorado ou se articula para tal, parte do quadro já tem o título. Este título que exigimos nos concursos tem sido normalmente doutorado em Ciência(s) da(s) Religião(ões). Teologia, Filosofia, Letras, História, etc. entram como áreas afins. Não vejo a necessidade de unificação da nomenclatura, de fato há uma explicação defensável para cada uma das variantes acima apresentadas. No meu entender, os nomes no singular não significam nenhuma limitação, mas estão empregados no seu sentido absoluto, que é também plural. Nem mesmo valem a pena, segundo penso, grandes debates sobre o tema, melhor me parece é continuar como está, uma vez que a situação não promove discordâncias nem dissociações. É preciso, mesmo nas padronizações institucionais, haver espaço para a criatividade de cada um.

UA: O que um estudante que presta vestibular para Ciência (s) da (s) Religião (ões) em geral espera de seu futuro profissional?

FP: O curso de Licenciatura forma o professor da disciplina Ensino Religioso. Todavia ele pode fazer mais do que isto. Parte importante destes alunos da Licenciatura já atuam como profissionais em suas igrejas, algumas vezes de orientação evangélica. Há um ou outro pai-de-santo. Para estes estudantes, nem sempre há o interesse de serem professores da rede oficial de ensino, mas sim de estarem melhor qualificados para aquilo que já fazem, em seu próprio meio. O Bacharelado atende bem estes casos, além de preparar o aluno que tem interesse em pesquisas para a Pós-Graduação. Como acima disse, o reconhecimento do MEC em nível nacional deve, segundo minha expectativa, mudar paradigmas. Então, sendo uma área em construção, os próprios recém-formados terão que encontrar seus espaços no mercado de trabalho. Vou propor um exemplo. Hoje, numa disputa conflituosa sobre uma área ocupada por uma suposta população indígena original, é o antropólogo quem faz uma investigação, para atestar ou não a autenticidade da população original, para garantir-lhe a posse da terra. Para tanto, ele utiliza inúmeros saberes, entre os quais a religião. Especificamente sobre este item, o cientista da (s) religião (ões) é quem melhor estará apto para opinar. Deste modo, há que buscar os espaços próprios do nosso campo de conhecimento.

UA: Com relação ao Ensino Religioso no Brasil, como o senhor se posiciona sobre possíveis questões de metodologia e conteúdo?

FP: A grade de nossos cursos foi pensada para dar ao aluno uma formação ampla e sólida sob dois aspectos: de um lado, temos o eixo de disciplinas teórico-metodológicas, como Antropologia, Psicologia, Sociologia, Filosofia, etc., e, por outro, uma incursão nos pensamentos religiosos, mas que não se limitam ao Cristianismo, pois exploram as mitologias pagãs da antiguidade, o pensamento oriental, os novos movimentos religiosos e as religiões de matriz afro-brasileira, citando aqui só os principais elementos. Há de fato um cuidado muito particular com as religiões afro, porque entendemos ser uma missão da instituição pública dar a voz às minorias historicamente muito incompreendidas. Lutar contra os preconceitos é algo pertencente ao Projeto Pedagógico do Curso. Se fazemos isto com relação ao pensamento religioso distante de nós, no tempo e no espaço, com muito mais ênfase o faremos com aqueles que nos

circundam, como o Candomblé, a Umbanda, a Jurema, etc. Nenhum proselitismo é aceito aqui em nossa área, nenhum pensamento confessional é defendido em nosso curso. Cada qual pratica a sua crença em seu templo, mas na universidade a neutralidade é o foco, ainda que não a consigamos atingir na totalidade das vezes, todavia é nosso ideal, que buscaremos sempre. Evidentemente, uma postura como a nossa faz perder alguns alunos que gostariam de ver aqui defendidos os seus pontos de vista exclusivos. Preferimos de nossa parte pagar este preço.

UA: Como o senhor vê o futuro da (s) Ciência (s) da (s) Religião (ões), especialmente no cenário nacional?

FP: Vejo de maneira promissora. Já há um amplo debate nacional da importância das questões religiosas na formação escolar. Nossa Licenciatura reconhecida é a nossa contribuição para este debate. A partir dela, estou seguro que outras virão, nos mesmos moldes de um ensino laico, não confessional, de qualidade, de tal modo que todos os alunos do ensino médio e fundamental se interessarão em cursar a disciplina Ensino Religioso, pois terão garantido que não se fará nenhuma imposição de crença, mas se oferecerá a ele a oportunidade de conhecer o outro, assim dirimindo preconceitos e promovendo a chamada cultura de paz. Vejo promissor também o fato de outras instituições públicas estarem com propostas em discussão ou em andamento. Já passou o tempo em que se pensava que o assunto religião fosse exclusivo de instituições privadas, com orientação vocacional. As públicas estão reconhecendo que o tema é científico, portanto não há porque não abrigá-lo em suas preocupações. Mesmo as instituições privadas, na minha percepção, também tem interesse em um ensino neutro e acadêmico. Contrariamente ao que se pensou em outros momentos, quando se acreditou que a ciência e a tecnologia seriam os estudos mais importantes, resolvendo todos os problemas, agora parece que se volta o olhar para o ser humano, na sua integralidade, não apenas como ser biológico e material, mas sobretudo emocional e espiritual.